

situação, experiência e imagem: a radicalidade de sergio augusto porto

Foi de dentro para fora, na radicalização do espaço de experiência, que a arte brasileira operou em seus fenômenos mais profundos no fim dos anos 1960 e início dos anos 1970. Nesse momento de pleno recrudescimento da ditadura civil-militar, grupos de artistas produziram sob três signos relevantes: ampliação do projeto construtivo brasileiro em direção à prática ambiental e participativa, ampla aproximação política da arte à condição de guerrilha e reivindicação de uma produção próxima à vida, num gesto de ruptura entre o privado e o público; entre conceito e obra física; entre instituição, cidade e paisagem.

Em sua trajetória, o artista Sergio Augusto Porto (Rio de Janeiro, 1946) respondeu a essa radicalização proposta por uma nova geração que de fato rompia com os paradigmas de um projeto moderno local de reverberação internacional. Formado entre Rio de Janeiro e Brasília, cidades muito distintas em suas origens e formas, fez parte de um contexto artístico e institucional que borrou as fronteiras de uma arte objetual domesticada. Entre 1967 e 1969, Porto estudou Arquitetura na Universidade de Brasília, epicentro do novo pensamento intelectual brasileiro na capital planejada, na época ainda em construção. Por isso, uma percepção aguda das relações espaço-temporais a partir da imersão do corpo na paisagem foi a tônica de sua produção artística, tanto em relação ao conflito da exuberância natural com o adensamento urbano do Rio de Janeiro como no que diz respeito à planificação e à monumentalidade de Brasília.

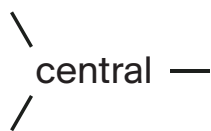
Ao lado de nomes como Alfredo Fontes, Cildo Meireles, Guilherme Vaz, Luiz Alphonso, Thereza Simões e Umberto Costa Barros¹, Sergio Porto conformou com maior atenção iniciativas vinculadas a uma arte conceitual ampla: a construção de um escopo de trabalho com profunda consciência contextual, subvertendo noções espaciais em nome do que foi cunhado pela crítica de “Situações”. Fora do espaço do museu e do clássico ateliê, o artista desenvolveu ações nas quais se mesclam experiências ambientais, intervenções efêmeras na paisagem, ampliações do campo escultórico e registros fotográficos nas mais variadas formas. Não à toa muitas dessas produções se confabulam ora como representações de suas ações, ora como instalações em espaços museográficos.

Em *Reflexos* (1970-1974), série de projetos e trabalhos estruturados em álbum fotográfico aqui destacado, o artista comprova a formulação de situações, acontecimentos ou contextos que devem ser vívidos, experimentados presencialmente ou percebidos pela força expressiva da fotografia. Como sentenciou o crítico Frederico Morais em seu texto seminal, “da apropriação de objetos, partiu-se para a apropriação de áreas geográficas ou poéticas ou simplesmente de situações. A obra acabou”². De modo geral, são intervenções que criam “faixas-relevo” na imensidão das estradas, constituem agigantadas sombras ilusórias na paisagem, acentuam sentidos geométricos com a identificação física de pontos no espaço fora, criam reflexões amplificadas na natureza com o uso de espelhos, entre outras. Por exemplo, em *Artista pelo meio* (1970), trabalho presente em *Reflexos*, Porto promove uma consciência aguda de sua presença corporal na paisagem natural. A fotografia opera como obra e registro dessa situação, descortinando o que se pode chamar de um espaço da experiência, conceito estruturado pelo filósofo e arquiteto alemão Otto Friedrich Bollnow³.

1 Uma das raras publicações que procuraram mapear essa geração: MORAIS, Frederico. *Depoimento de uma Geração, 1969-1970*. Rio de Janeiro: Galeria de Arte BANERJ, 1986.

2 Referência à primeira publicação do texto pelo crítico: MORAIS, Frederico. Contra a arte afluyente: o corpo é o motor da obra, *Revista de Cultura Vozes*, Rio de Janeiro, n. 1, jan.- fev. 1970.

3 Publicação que descortina uma percepção do conceito de espaço como o lugar da experiência humana, “experienced space”: BOLLNOW, Otto Friedrich. *Human Space*. Londres: Hyphen Press, 2011.



situação, experiência e imagem: a radicalidade de sergio augusto porto

Nesse sentido, o caminho poético do artista ganha proximidade com ícones da história da arte contemporânea. Assim como outros nomes de sua geração, suas experimentações aconteceram concomitantemente às práticas de “land and enviromental art” de norte-americanos como Nancy Holt, Robert Smithson e Walter de Maria, às práticas espaciais voltadas para a consciência corporal do alemão Franz Erhard Walther e às ações e caminhos efêmeros de Richard Long. No cenário latino-americano, ainda é possível traçar um paralelo com as ações urbanas da chilena Lotty Rosenfeld, também produzidas em contexto ditatorial. Por isso e por tanto mais, é da ordem do dia avaliar a pertinência de produções artísticas que estiveram na ponta de lança das radicalidades da arte no fim dos anos 1960, mas que ainda não foram devidamente integradas aos consensos e aos manuais da história e da crítica. Sergio Augusto Porto faz parte desse universo.

Diego Matos
Fevereiro 2021